

## XIII

## Débito estacionário

Prosseguimos administrando fraterno auxílio ao lar de Marina, incluindo a assistência ao companheiro que o nosocomio ainda acolhia, encontrando excelentes oportunidades de estudo e observação.

Conclusões e apontamentos felicitavam-nos a cada passo.

Tarefas e excursões cobriam-se de êxito desejável, quando, certa noite, no parlatório, foi Silas procurado por um companheiro aflito, que avisou, atencioso:

— Assistente, nossa irmã Poliana parece vergar, em definitivo, ao peso da imensa prova.

— Revoltada? — indagou nosso amigo com inflexão de paciência e bondade.

— Não — aclarou o interpelado. — Nossa irmã está enferma e o equilíbrio orgânico declina de hora a hora... Apesar disso vem lutando heróicamente para conservar-se ao pé do filho infeliz...

Silas refletiu por momentos rápidos e falou resoluto:

— E' imperioso agir sem demora.

E, qual acontecera em circunstâncias anteriores, utilizámos a volitação para lograr mais tempo.

A breves minutos, achávamo-nos em paisagem rural pobre e triste. Num casebre, totalmente exposto à ventania noturna, infortunada mulher jazia enrolada em farrapos, numa esteira de palha a rês do solo e, a poucos metros, misero anão para-

lítico exibia o semblante alvar. Reconhecia-se-lhe, de pronto, a idiotia completa, sob a vigilância da enferma desditosa, que o fitava entre a aflição e o desencanto.

Abarcando-os com o olhar, nosso condutor informou solícito:

— Temos aqui nossa irmã Poliana e Sabino, o filho desventurado que o Poder Celeste lhe confiou. Espiritualmente, são ambos tutelados da Mansão, em pedregoso caminho de reajuste.

Entretanto, o generoso amigo parecia mais interessado na assistência prática que na obra informativa.

Inclinando-se, atento, para a desventurada mulher, auscultou-lhe o tórax, explicando algo inquieto:

— Caso urgente.

E, convidados ao concurso imediato, associámo-nos à minuciosa pesquisa, observando que o coração da enferma apresentava alarmante arritmia, figurando-se-nos agitado prisioneiro a emaranhar-se nas artérias estreitadas em caprichosas calcificações.

Examinando aquele atormentado quadro circulatório, o Assistente informou:

— Os vasos enfraquecidos do miocárdio ameaçam ruptura próxima, por quanto a doente se encontra na tensão de angústia extrema. A parada súbita do órgão central pode ocorrer de um instante para outro.

Assim dizendo, relanceou o olhar sobre o homem-criança, estirado a dois passos, e acrescentou:

— Entretanto, Poliana precisa mais tempo no corpo, de vez que o filho não lhe dispensa os cuidados. Acham-se não apenas jungidos à mesma prova, mas imanizados ao mesmo clima fluídico, reciprocamente alimentados pelas forças que exteriorizam, no campo da afinidade pura. Dessa maneira, a desencarnação da genitora repercutiria mortalmente sobre o filho, cuja existência, no es-

tágio de segregação em que se encontra, gravita, invariável, em derredor da carícia materna.

Aflitiva expectação caiu sobre nós.

Silas, de pé, como que buscava, na choça desguarnecida de tudo, algo que pudesse funcionar à guisa de socorro, todavia, sómente velho cântaro ali guardava pequena porção dágua.

O Assistente comunicou-nos que a enferma reclamava medicação imediata, considerando, porém, que naquela hora da noite não era fácil trazer algum companheiro encarnado ao sítio deserto, nem dispúnhamos, ali, de recursos quaisquer.

Ainda assim, vimo-lo aplicar-lhe passes à glote, com desvelada atenção.

Logo após, administrou recursos fluídicos à linfa pura.

Compreendemos que Silas ativara a sede na doente, constrangendo-a a servir-se da água simples então convertida em líquido medicamentoso.

Despendendo enorme esforço, Poliana abandonou o leito e buscou o pote humilde.

Após beber ligeiros goles, asserenou as próprias ânsias, qual se houvera sorvido valiosa poção calmante.

As preocupações obcecantes da hora em curso cederam lugar à bonança de espírito.

Foi assim que o diretor de nossa excursão, acariciando-lhe a fronte, pendida nos molambos a se agregarem por travesseiro, transmitia-lhe forças revigorantes.

Decorridos alguns minutos, Poliana mostrava-se plenamente fora do vaso físico, mas sem a necessária lucidez espiritual para identificar-nos a presença. Contudo, subordinada ao comando magnético de Silas, ergueu-se automáticaamente. Enlaçada por ele e seguidos ambos por nós, demandámos bosque vizinho.

Longe de perceber-se sob a assistência carinhosa de que era objeto, a enferma ausente do corpo de carne, como num sonho consolador, foi

convenientemente acomodada por Silas no tapete de relva macia, sentindo-se calma e leve...

Finda essa operação, o Assistente convocou-nos à prece e, levantando o olhar para o firmamento faiscante de estrelas, rogou compungidamente:

— «Pai de Infinita Bondade, Tu que dás proveimento às necessidades do verme aparentemente esquecido no ventre do solo, que vestes a flor anônima, perfumando-lhe a contextura, muitas vezes sobre a lama do charco, desce compassivo olhar sobre nós, que nos tresmalhamos a distância de Teu amor!

«Em particular, Pai Justo, compadece-Te de nossa Poliana, vencida!...

«Ela não é mais, Senhor, a mulher sequiosa de aventura e de ouro, disposta a lançar lodo e treva no caminho dos semelhantes, mas sim pobre mãe fatigada, reclamando novas forças para a renúncia! não é mais a moça vaidosa que tripudia nos tormentos do próximo, mas triste mendiga, anulada para o trabalho, que soluça de porta em porta, esmolando o pão com que deve sustentar o filho agoniado de sua dor e nutrir a própria vida.

«O' Pai, não a deixes perder agora a bênção do corpo, na senda redentora em que se refugia!

«Acrescenta-lhe os recursos para que não interrompa a experiência sublime em que se localiza...»

«Tu que nos deste, pelo Cristo, a divina revelação do sofrimento, como sendo o roteiro de nossa recondução para os Teus braços, ajuda-a a refazer as energias aniquiladas, a fim de que não pereça antes de encontrar a nova luz que lhe aguarda o coração para a subida à Glória Eterna!...»

A voz de Silas, tocada de profunda fé, arrebatava-nos ao pranto insofreável.

Azulineas cintilações nimbavam-lhe a cabeça e, como resposta do Alto, ali, na selvagem floração do bosque ermo, vimos, ao longe, cinco flamas, em

pontos diferentes do Espaço, que se aproximavam de nós, celeremente...

Renteando conosco, transfiguraram-se em companheiros que nos saudaram regozijantes.

Em rápidos minutos, energias imponderáveis da Natureza, associadas aos fluidos de plantas medicinais, foram trazidas à nossa enferma, que as inalava a longos sorvos, e, em tempo breve, vimos Poliana surpreendentemente refeita, pronta a retomar o envoltório para a necessária restauração.

— Ricos da Terra — pensei com lágrimas —, onde o poder das vossas arcas abarrotadas de ouro, ante a simples fuliguração de uma prece? Onde a grandeza de vossos palácios, recheados de fausto e pedraria, confrontada com um simples minuto de reverência da alma, em comunhão com a Paternidade de Deus, na majestade do Céu?

Incapaz de raciocinar por si, quanto à metamorfose experimentada, à face das inibições que sofria na provação temporária, a doente não conseguia ver-nos, mas sorria, venturosa, sentindo-se mais robusta e mais ágil.

Novamente amparada, regressou ao tugúrio infecto e auxiliámo-la a retomar a cápsula física.

Enquanto descerrava os olhos, reconfortada, Silas esclareceu:

— As melhorias adquiridas pela organização perispíritica serão apressadamente assimiladas pelas células do equipamento fisiológico.

E acentuou:

— Sabem os médicos terrenos que o sono é um dos ministros mais eficientes da cura. E' que, ausente do corpo, muitas vezes consegue a alma prover-se de recursos prodigiosos para a recuperação do veículo carnal em que estagia no mundo.

Após a elucidação, afagou os cabelos grisalhos da pobre doente e prometeu-lhe em voz alta:

— Descanse. Quando o dia ressurgir, nossos companheiros trarão até aqui o socorro da caridade fraternal, valendo-se de algum samaritano das

redondezas... Permitirá o Senhor que você continue...

Em seguida, convidou-nos a observar o campo orgânico de Sabino.

Por fora, sim, era ele dolorosa máscara de anormalidade e aberração. Mirrado, nada medindo além de noventa centímetros e apresentando grande cabeça, aquele corpo disforme, tresandando odores fétidos, inspirava compaixão e repugnância.

A fisionomia denotava configuração macacóide, exibindo, porém, no sorriso inconsciente e nos olhos semilúcidos, a expressão de um palhaço triste.

Recomendou-nos o Assistente auscultar-lhe o campo íntimo, e, em razão disso, findos alguns minutos de reflexão, assimilei-lhe a faixa mental, observando-lhe as singulares reminiscências...

Demonstrando viver essencialmente distante da realidade, a memória de Sabino mergulhava, toda, em quadros estranhos.

Corporificados ante a nossa visão espiritual, os pensamentos dele tomavam consistência, competindo-nos a enxergá-lo qual se sentia em verdade. Viamo-lo em trajes de palaciano bem posto, influenciando pessoas categorizadas para a consumação de crimes ocultos, a culminarem sempre na flagelação do povo. Viúvas e órfãos, trabalhadores humildes e escravos misérimos desfilavam nas telas de suas complicadas recordações. Palacetes aristocráticos e mesas opíparas constavam por detalhes faustosos das lembranças que lhe povoavam o espírito... E, ao seu lado, sempre a mesma mulher, cujo porte soberbo revelava Poliana, aquela mesma Poliana que jazia inerme na esteira de palha... Assombrados, identificávamos ambos cercados de luxo e ouro, manchados, porém, de sangue, ao qual se faziam plenamente insensíveis...

Reconhecíamos sem dificuldade que mantinham consigo escusos compromissos um com o outro, no terreno da crueldade.

Sabino, o fidalgo orgulhoso, não tomava co-

nhecimento de Sabino, o anão paralítico. Em absoluta introspecção, revivia o pretérito, com requintes de egolatria, demonstrando-se na posição do homem iludido por mentirosa superioridade à frente dos semelhantes.

Registando-nos a perplexidade, Silas observou:

— Decerto, não lhe ouviremos a palavra articulada, mudo e surdo qual se encontra, mas podemos consultar-lhe o pensamento, por quanto reagirá em pensamento, respondendo-nos às interpelações, através da conversação ideada. Para isso, porém, é imprescindível lhe dispensem o tratamento devido à personalidade que julga viver... Mentalizemo-lo como sendo o Barão de S..., título que exibiu na existência última e com o qual se desvairou calamitosamente nas trevas da delinquência e da vaidade.

Observando as manchas rubras nos quadros vivos das vivas reminiscências em que se enclaustrava, perguntei com a gravidade natural que a experiência exigia:

— Barão, porque tanto sangue em seu caminho? Terão muitos chorado, em torno de sua marcha?

Notei, perfeitamente, que ele não me recolhia a interrogação, com os tímpanos comuns, mas albergou-a, em forma de ideia, formulada de si para consigo, devolvendo-nos a seguinte ponderação pelos fios mentais, em que comungávamos um com o outro, sem que me identificasse por seu interlocutor invisível: — «Sangue e lágrimas, sim!... Precisei de grande dose de semelhante material em meus empreendimentos... Que triunfador do mundo não terá sangue e lágrimas, na base das pirâmides da fortuna ou da dominação política em que todos eles se apóiam? A vida é um sistema de luta, no qual a Humanidade se divide em dois campos opostos — aquele dos que conquistam e aquele dos que são conquistados... Sou um nobre... Não guardo a vocação de perder... Que importa a afli-

ção dos fracos, se a morte para eles significa descanso e mercê?»

Desliguei-me do foco mental em que se lhe exprimiam os pensamentos e, depois de alguns instantes, nos quais se consagrava Hilário ao mesmo exame que me tomara a atenção, o Assistente esclareceu:

— Segundo é fácil de concluir, ante a perquirição da ciência terrestre vulgar, Sabino será o idiota paralítico, surdo e mudo de nascença... Para nós, no entanto, é um prisioneiro ainda perigoso, engaiolado nos ossos físicos, de cuja tessitura, por agora, não tem qualquer nogão, tal o egoísmo que ainda lhe turva a alma, em processo de incontrolável hipertrofia... A sede da posse ignobil e o orgulho virulento perverteram-lhe a vida íntima, fixando-o em pavoroso labirinto de sinistros enganos, que resultam para ele em completa alienação mental no tempo, de vez que o relógio avança na contagem dos dias, enquanto se mantém parado nas reminiscências em que se supõe dominador na Terra, vivendo o pesadelo criado por si próprio...

Diante dos problemas que o estudo suscitava, indagou Hilário, surpreso:

— Mas... onde a vantagem de semelhantes padecimentos?

Silas esboçou leve expressão de tristeza e considerou:

— Temos sob nossa atenção lamentável débito congelado. Nossa pobre companheiro, deploravelmente tombado, praticou numerosos delitos na Terra e no Plano Espiritual e, há precisamente mais de mil anos, sucumbe, vaidoso e desprevenido, às garras da criminalidade... De existência a existência, não soube senão consumir os recursos do campo físico, tumultuando as paisagens sociais em que o Senhor lhe concedeu viver. Calamidades diversas, como sejam homicídios, rebeliões, extorsões, calúnias, falâncias, suicídios, abortos e obsessões foram

por ele provocados, desde muitos séculos, porquanto nada viu à frente dos olhos senão o seu egoísmo a saciar... Entre o berço e o túmulo, é o desatino incessante, e, do túmulo para o berço, é a maldade fria e inconsequente, com as intercessões de amigos abnegados, a lhe endossarem novas tentativas de regeneração e levantamento. Quase sempre inspirado nos pontos de vista de Poliana, que lhe vem sendo a companheira de múltiplas jornadas, cristalizou-se como infeliz empresário do crime, agigantando-se-lhe de tal modo o desequilíbrio na existência última, terminada no suicídio indireto através do mergulho deliberado na viciação, que não houve outro remédio para ele senão o insulamento absoluto na carne, ao nevoeiro da romagem presente, na qual o identificamos, assim, como fera enjaulada na armadura de células aviltantes, sob a custódia da mulher que o ajudou nas quedas sucessivas, erígida agora à posição de enfermeira maternal do seu longo infortúnio. Poliana, a companheira fútil e transviada do bem, que habitualmente escolheu para si a condição de boneca do prazer delituoso, acordou, além-túmulo, para as realidades da vida, antes dele... Despertou e sofreu muito, aceitando a tarefa de auxiliá-lo na recuperação em que, por certo, despenderão muito tempo ainda...

No campo perispiritual do anão ensimesmado, observámos, através da sua aura verde-trevosa, que todas as energias dos seus fulcros vibratórios refluíam sobre os pontos de origem, dando-nos a impressão de que Sabino estava enovelado inteiramente em si mesmo, à maneira da lagarta ilhada no casulo dela própria nascido.

As perguntas que não nos foi possível sopitar, respondeu Silas com presteza:

— Nosso amigo, até que se amadureça em espírito para a renovação necessária, guarda a mente trabalhando em circuito fechado, isto é, pensa constantemente para si mesmo, incapaz da permuta de

vibrações com os semelhantes, exceção feita com Poliana, de quem se fêz satélite mudo e expectante, como parasita em fronde seiosa. Sabino é um problema de débito estacionário, porque jaz em processo de hibernação espiritual, compulsoriamente enquistado no próprio íntimo, a benefício da comunidade de Espíritos desencarnados e encarnados, porquanto tão expressivos se lhe destacam os gravames de ordem material e moral que a sua presença consciente, na Terra ou no Espaço, provocaria perturbações e tumultos de consequências imprevisíveis. Desfruta, desse modo, uma pausa na luta, como ensaio de esquecimento, a fim de que possa, de futuro, encarar o montante dos compromissos em que se enleia, promovendo-lhes solução digna nos séculos próximos, a golpes de ferrea vontade na renúncia de si mesmo.

— Mas — indagou Hilário, inquieto — não disporia a Espiritualidade Superior de elementos para encarcerá-lo, a distância da carne?

— Sim — confirmou Silas —, isso não é impossível. Entretanto, se temos enxovias pungentes para a expiação dos crimes que entenebrecem a mente humana, muitas delas a se expressarem por vales de miséria e de horror, é preciso considerar que os delinquentes ai segregados atraem-se uns aos outros, contagiando-se mutuamente das chagas morais de que são portadores, gerando o inferno em que passam transitóriamente a viver. Por outro lado, contamos com muitas instituições, funcionando à semelhança de estufas, nas quais criaturas desencarnadas dormem pacificamente largos sonos, mergulhadas nos pesadelos que merecem até certo ponto, depois de efetuada a travessia do sepulcro... Em Sabino, contudo, encontramos um caso excepcional de rebeldia e delinquência sistemáticas, em cujas sombras, um dia, sentiu baquearem-se-lhe as forças. O remorso feriu-lhe o coração como a bala mortifera assalta um tigre solto... A prece fulgrou-lhe na consciência e, antes que a sua nova

atitude provocasse reações e vinditas soezes, entre os que lhe seguiam os passos na rota perversa, recolheram-no à Mansão, onde foi naturalmente magnetizado, caindo em hipnose de longo curso, sendo recebido mais tarde pelo carinho de Poliana, então segregada em campo de regeneração pelo sacrifício. Como vemos, tamanhas são as ligações de nosso companheiro nos planos infernais que, por mercê de Jesus, foi ele ocultado provisoriamente neste corpo monstruoso em que se faz não apenas incomunicável, mas também de algum modo irreconhecível, em favor dele próprio. É indispensável que o tempo com a Bondade Divina lhe amparem os problemas aflitivos, e complexos.

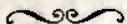
E, fitando-nos serenamente, ajuntou:

— Compreenderam?

Sim, havíamos entendido.

A experiência, aos nossos olhos, era dura mas lógica, terrível mas justa.

E como quem nada mais podia dar ao triste amigo, além do coração, Silas afagou-lhe a cabeça imunda e ofertou-lhe, comovido, a bênção de uma prece.



#### XIV

### Resgate interrompide

Acompanhando o Assistente, passámos a cooperar na rearmonização de pequena família domiciliada em subúrbio de populosa capital.

Ildeu, o chefe da casa, homem que mal atingira a madureza física, pouco além dos trinta e cinco de idade, encontrara em Marcela a esposa abnegada e mãe de seus três filhinhos, Roberto, Sônia e Márcia; entretanto, seduzido pelos encantos da jovem Mara, moça leviana e inconsequente, tudo fazia para que a esposa o abandonasse.

Marcela, porém, educada na escola do Dever, recolhia-se no lar e tudo fazia para não deixa perceber a própria dor.

Pelos gestos rudes e pela deplorável conduta em casa, não desconhecia a modificação do pai de seus filhos, e, recebendo cartas insultuosas da rival que lhe disputava o companheiro, sabia chorar em silêncio, confiando-as ao fogo para que não caíssem sob o olhar do esposo.

Doía-nos, cada noite,vê-la em prece, ao lado das criancinhas.

Roberto, o primogênito, com nove anos de idade, acariciava-lhe a cabeça, adivinhando-lhe os soluços imobilizados na garganta, e as duas pequeninas, na inconsciência infantil, repetiam quinalmente as orações ditadas pela nobre senhora, oferecendo-as a Jesus, em favor do «papai».

Em atormentada vigília até noite alta, agoniava-se-lhe o espírito, observando Ildeu, estróïna,